

A VISÃO DA EUCARISTIA NO PERÍODO PRÉ-NICENO

*Vital Corbellini*¹

Introdução

Quando, no ano passado, outubro de 2004, João Paulo II, na sua Carta Apostólica², convocava o episcopado, clero e fiéis, para a reflexão sobre o sacramento da eucaristia e a sua centralidade na comunidade eclesial, ele também realçava a centralidade de Cristo, não só na Igreja, mas na história da humanidade. Tudo é recapitulado nele³. A eucaristia não expressa comunhão, só na vida da Igreja, mas ela é também projeto de solidariedade em benefício de toda a humanidade⁴. Por isso mesmo a eucaristia celebrada na comunidade é projeto de missão em direção aos outros. Da mesma forma, esses pontos podem ser percebidos nos Padres da Igreja: a centralidade em Cristo e a sua realização na comunidade cristã. A nossa análise dar-se-á no período antecedente a Nicéia (325), uma vez que tal argumento foi bastante desenvolvido, em todo o período da patrologia e patrística.

¹ Pe. Vital Corbellini, Diocese de Caxias do Sul - RS, Doutor em Teologia e Ciências Patrísticas, Professor na FATEO-PUCRS.

² Cf. *Carta Apostólica do Santo Padre João Paulo II ao episcopado, clero e fiéis*. Mane nobiscum, Domine, para o ano da eucaristia. São Paulo: Paulus e Edições Loyola, 2004.

³ Cf. *Ef* 1,10; *Cl* 1,15; p. 20.

⁴ *Idem*, p. 24.

1 A eucaristia deve ser celebrada na unidade

A unidade consigo mesmo, com os outros e com Deus foi um dos pontos bem aprofundados nesse período, chamado apostólico. É o período que sucede à Revelação, no qual os escritos refletem a pregação apostólica, quer os autores os tivessem conhecido, quer deles tivessem ouvido falar. Os autores seguem o gênero literário dos escritos do NT, sobretudo cartas, onde eles exortam à unidade na vida cristã e afirmam Cristo na sua preexistência e a sua participação na criação do mundo.

A eucaristia (*eucharístia*), termo grego referente à ação de graças, designou ceia cristã, a ação eucarística⁵. Na comunidade primitiva, a celebração eucarística e a partilha dos alimentos formavam um só conjunto de coisas, de modo a chamar-se *agápe*, ceia fraternal. Ela também foi chamada de *fractio panis*, a fração do pão⁶. No final do segundo século, houve a separação da eucaristia, que era a fração do pão com o vinho da celebração doméstica da ceia, por causa dos abusos realizados pelos fiéis; algumas pessoas chegavam antes dos outros e comiam tudo, de modo que os atrasados permaneciam com fome na celebração eucarística. O apóstolo Paulo criticará essa prática dos assim chamados “proveitadores da comida”. Dessarte, a ceia não poderia espelhar uma relação de amor e de fraternidade⁷. Depois que a celebração tornou-se uma celebração autônoma, a *agápe* era um banquete coletivo e fraterno, sobretudo dado às viúvas, pobres, abandonados, meninos e meninas de rua. Em época tar-

⁵ Cf. A. HAMMAN, “Eucaristia”, in *Dicionário patrístico e de Antigüidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, Paulus, 2002, p. 527.

⁶ Cf. *At* 2,42-47.

⁷ Cf. *1 Cor* 11,17-22.

dia, a *agápe* era conhecida como sustento da comunidade aos pobres⁸.

O período sucessivo à comunidade primitiva promove uma visão da eucaristia para a unidade na comunidade. *Didaqué*, um dos documentos mais importantes no período apostólico e pós-apostólico, foi chamado de “Legislação das Comunidades”. Essa obra enfatiza a celebração, no dia do Senhor, o domingo; os fiéis devem reunir-se para partir o pão e agradecer os benefícios recebidos. Tal celebração seja vivida num contexto de reconciliação com o próximo, porque aquele que estiver em desavenças com o seu companheiro não poderá juntar-se à comunidade, para que o seu sacrifício não seja profanado⁹. A obra não traz a fórmula eucarística, como é conhecida hoje pelas comunidades cristãs, mas ela apresenta uma oração sobre o pão partido e sobre o cálice¹⁰. Ela prevê uma oração de agradecimento depois da eucaristia: “Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome, que fizeste habitar em nossos corações, e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste, por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre. Tu, Senhor todo-poderoso, criaste todas as coisas por causa do teu nome, e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais, e uma vida eterna por meio do teu servo”¹¹. Assim esse escrito exalta a eucaristia como alimento sustentador da vida comunitária e espiritual.

Clemente foi bispo de Roma, de 92 até 100/101. Ele escreveu uma carta à comunidade dos Coríntios, solicitando-lhes a concórdia e a paz entre os seus membros, porque esta (a comunidade) demitira seus dirigentes, bispos, presbíteros e diáconos.

⁸ Cf. K. S. FRANK, *Manuale di Storia della Chiesa Antica*. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2000, p.145-146.

⁹ Cf. Mt 5,23-24; DIDAQUÉ, XV, *O Catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. Caxias do Sul: Paulinas, 1989.

¹⁰ *Idem*, IX, 1-3.

¹¹ *Ibidem*, X, 1-3.

Por isso ele suplicava a todos a unidade, ponto reforçado pela ordem da criação, como a ordem querida por Deus¹². Como há um só Deus, há um só Cristo, também um só Espírito de graça, que foi derramado sobre nós, e uma só vocação em Cristo¹³. Ele fala também que Deus ordenou concretizar coisas em sua memória; aos sacerdotes foram conferidos os ofícios litúrgicos, entendidos na ligação da eucaristia, aos levitas os serviços do culto e aos leigos os seus próprios serviços¹⁴.

No início do segundo século, há a figura de Inácio de Antioquia. Três dados importantes são colocados na sua doutrina a respeito da eucaristia. Em primeiro lugar, ele tem presente uma conceituação precisa; ela é louvor e súplica a Deus; ela exige fé e caridade, permitindo encontrar o Cristo e a vivência da *agápe*¹⁵. Ela está ligada ao martírio, forma de seguimento a Cristo até às últimas conseqüências. Dessa forma, Inácio suplicou à comunidade de Roma que não impedisse o seu maior desejo, que era o martírio para assim ser trigo de Deus, ser moído pelos dentes das feras, para assim apresentar-se trigo puro diante de Cristo¹⁶.

Em segundo lugar, ela é presidida pelo bispo, sem o qual não existiriam batismo, nem *agápe*, nem eucaristia. Deve-se considerar legítima a eucaristia realizada pelo bispo ou o seu delegado¹⁷. Em terceiro lugar, este bispo realça os efeitos da eucaristia, dizendo que ela tem um poder de destruição de Satanás, porque as suas forças são vencidas e o seu poder demolido¹⁸. Ela leva à unidade, porque há uma carne em Cristo Jesus e um só cáli-

¹² Cf. CLEMENTE AOS CORÍNTIOS, 19-20. In *Os Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

¹³ *Idem*, 46,6.

¹⁴ *Ibidem*, 40,5.

¹⁵ Cf. INÁCIO AOS ESMIRNIOTAS, 8,2 In *Padres Apostólicos*, *Idem*.

¹⁶ Cf. INÁCIO AOS ROMANOS, 4,1, *Idem*.

¹⁷ Cf. INÁCIO AOS ESMIRNIOTAS, 7,1; 8,1, *Idem*.

¹⁸ Cf. INÁCIO AOS EFÉSIOS, 20, 2, *Ibidem*.

ce que nos une no seu sangue, como também um só é o altar e um só é o bispo unido ao presbitério, diáconos e povo¹⁹.

Ainda no período apostólico há a Carta de Barnabé que fala do oitavo dia como o dia no qual Jesus ressuscitou dos mortos e subiu aos céus. Ele tem presente a celebração eucarística, pois era chamado também o primeiro dia da semana. Para o autor desse escrito, tratava-se de um dia da nova criação e, por isso, havia a necessidade de celebrá-lo com fé e amor²⁰.

2 A eucaristia ocupa um lugar central na comunidade cristã

O segundo século tem como ponto de referência o diálogo da Igreja com o mundo da cultura e da ciência. Surgem, nesse período, os Padres chamados “apologistas”, aqueles que defenderão o cristianismo diante das acusações levantadas contra os cristãos, seja em relação às autoridades, em relação ao próprio povo, seja em relação aos intelectuais da época. Giravam idéias falsas a respeito da prática dos cristãos, apontando-os como canibais, ateus e cometedores de atos de incesto. Por isso eles defenderam o cristianismo das acusações levantadas. Os Padres apologistas foram na realidade os primeiros teólogos na Igreja, porque eram pagãos convertidos à fé cristã, os quais sentiram a necessidade de esclarecer a doutrina e a fé desse grupo de pessoas tão estimáveis, mas ao mesmo tempo tão malconhecidas²¹. A eucaristia foi um dos temas que ocupou os Padres desse período, nos quais se ressaltava a presença de Cristo e a sua ligação com a comunidade cristã.

¹⁹ Cf. INÁCIO AOS FILADELFIENSES, 4, *Ibidem*.

²⁰ Cf. CARTA DE BARNABÉ, 15,9, *Ibidem*.

²¹ Cf. J. QUASTEN, *Patrologia, I primi due secoli (II-III)*. Assisi: Marietti, 1992, p. 166-167.

Justino de Roma, martirizado em 165, dá uma importante descrição da celebração dominical e da eucaristia. Ele afirma que, no dia chamado “do sol”, os fiéis, que moram em cidades ou nos campos, se reúnem, lêem as Memórias dos Apóstolos, isto é, os evangelhos ou os escritos dos profetas. Um leitor faz tais coisas, e logo em seguida havia a exortação do presidente. Em seguida, elevam-se a Deus preces e depois se oferece pão, vinho e água, e o presidente eleva até Deus tais oferendas, e todos dizem “Amém”. Depois há a distribuição e participação para cada um dos presentes dos alimentos consagrados e o seu envio aos ausentes, através dos diáconos²². Em segundo lugar, em Justino nós temos a teologia da eucaristia. Ele afirma que a eucaristia, que os cristãos tomavam, através da celebração, não é um pão comum ou bebida ordinária, mas ela está em ligação com Jesus Cristo, feito carne e sangue para a nossa salvação. Desse alimento sobre o qual é dita a ação de graças e no qual houve uma transformação, o nosso corpo e sangue se nutrem, é a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado. Este ensinamento, segundo Justino, foi transmitido pelos apóstolos, quando Jesus disse a eles que realizassem tais coisas em sua memória²³. Justino também tem presente a eucaristia profetizada no AT. Interpretando a passagem do profeta Malaquias²⁴, ele diz que o Senhor rejeita os sacrifícios por causa da grande oblação que deveria ocorrer com o tempo²⁵. As palavras do profeta se cumpriram em Cristo Jesus, que ordenou de celebrar a eucaristia em sua memória por causa de sua encarnação e ressurreição²⁶. Ele interpreta também uma outra palavra do profeta²⁷, onde se diz que o pão ser-lhe-á dado e água lhe será assegurada. Tal profecia fala do pão que o Cristo

²² Cf. JUSTINO DE ROMA, *I Apol.* 67. São Paulo: Paulus, 1995.

²³ Cf. *Lc* 22,19-20.

²⁴ Cf. *Ml* 1,10-12.

²⁵ Cf. JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, 41,1-3.

²⁶ Cf. *Idem*, 70, 3-4.

²⁷ Cf. *Is* 33,13-19.

mandou celebrar como memória e do cálice como consagração de ação de graças²⁸, de modo que os fiéis a pudessem realizar com fé e amor.

No final do segundo século, há a figura de Ireneu de Lião. Ele insistiu na sua doutrina em que a eucaristia deve ocupar o centro da visão de mundo e da história. Ele teve que criticar os gnósticos, porque estes negavam a presença de Cristo na eucaristia e a ressurreição da carne. Ele ressalta, dessa forma, a presença real do corpo e do sangue de Cristo na eucaristia; assim, as espécies do pão e do vinho não são apenas salvos mas salvadores, veículos da graça, porque neles estão o corpo e o sangue de Cristo. A eucaristia não possui um sentido mágico, como desejava o mago Marcos, quando ele colocava no vinho algo de vermelho²⁹; ela é a celebração do amor misericordioso de Deus; é o sacrifício da Nova Aliança dado de uma forma integral. Ireneu lê dois acontecimentos importantes dos evangelhos, onde estão presentes sinais da eucaristia: a água transformada em vinho e a multiplicação dos pães³⁰. O segundo ponto da doutrina do bispo de Lião foi a crítica feita a todos aqueles, sobretudo aos gnósticos e ebionitas, que não davam valor à eucaristia, porque ressaltavam que a carne se corrompe e não irá participar da vida, desprezando dessa forma a eucaristia. A eucaristia fortifica a carne humana. Assim é impossível negar que a carne seja incapaz de receber o dom de Deus, que consiste na vida eterna, pelo fato de ser alimentado pelo corpo e sangue de Cristo. Ele faz uma analogia a respeito da eucaristia; da mesma forma como a cepa da videira frutifica, no tempo próprio, e o grão de trigo, ao cair na terra, floresce em espigas para colher o fruto, tais espécies, quando esmagadas, ao receberem a palavra de Deus, tornam-se eucaristia, sendo o corpo e o sangue de Cristo, da mesma forma os nossos corpos alimenta-

²⁸ Cf. *Diálogo com Trifão*, 70,3-4.

²⁹ Cf. IRENEU DE LIÃO, I, 13,2. São Paulo: Paulus, 1995.

³⁰ Cf. *Jo* 2, 1-11; 6, 1-14.

dos pela eucaristia, ainda que serão depostos na terra e decompostos, ressuscitarão para a glória de Deus Pai que irá conceder-lhes os dons da imortalidade e da incorruptibilidade ao que estava na fraqueza³¹.

Ireneu foi importante nesse período histórico, porque confrontou-se com pensamentos e práticas de grupos que se diziam fervorosos no seguimento a Cristo, como os ebionitas e os gnósticos, mas não aceitavam a sua doutrina, levantando algumas questões: “Como estes afirmam que a carne que se corrompe não pode participar da vida, quando ela se alimenta do corpo e do sangue do Senhor?(...). Quanto a nós, nossa maneira de pensar está de acordo com a eucaristia, e a eucaristia confirma nossa doutrina. Pois lhe oferecemos o que já é seu, proclamando, como é justo, a comunhão e a unidade da carne e do Espírito. Assim como o pão que vem da terra, ao receber a invocação de Deus, já não é pão comum, mas a eucaristia, feita de dois elementos, o terreno e celeste, do mesmo modo os nossos corpos, por receberem a eucaristia, já não são corruptíveis, por terem a esperança da ressurreição”³². Dessa forma, Ireneu critica aqueles que desprezam a economia de Deus, porque, ao negar salvação da carne, eles declaram-na incapaz de receber a incorruptibilidade. Assim ele diz: “Que a carne é capaz de receber a vida mostra-se pelo fato de ela viver: de fato, vive enquanto Deus quer que viva. E que Deus seja capaz de dar a vida é evidente: nós vivemos, porque ele nos dá a vida. Posto que Deus pode dar a vida à obra modelada por ele e a carne é capaz de receber esta vida, o que ainda lhe impossibilita receber a incorruptibilidade que é a vida, sem término nem fim, que Deus lhe comunica?”³³

A Tradição Apostólica de Hipólito de Roma fala da comunhão dominical. O bispo deve distribuir o pão consagrado a

³¹ Cf. IRENEU DE LIÃO, V, 2,3.

³² *Idem*, IV, 18,4.

³³ *Ibidem*, V, 3,3.

todo o povo, com as próprias mãos, de modo que os diáconos e os presbíteros o partem³⁴. Este escrito também tem presente a função dos diáconos que devem oferecer as oferendas do pão e do vinho ao bispo, para que este dê graças sobre os mesmos, a fim de tornarem-se o corpo e o sangue de Cristo. Ao partir o pão, distribua os pedaços, dizendo: “O Pão celestial em Jesus Cristo”. O fiel responde: “Amém”³⁵. A Tradição ressalta a necessidade de uma vida reconciliada consigo mesmo e com os outros, para comer do corpo de Cristo e beber de seu sangue³⁶, para que tudo seja feito com pureza e reconciliação.

Hipólito tem também presente a eucaristia como alimento superior ao maná no deserto e que impossibilita a morte eterna. Ele interpreta as palavras do Senhor, que afirma ser o pão descido do céu; os pais no deserto comeram e morreram; ao invés, quem come o meu pão não verá a morte para sempre³⁷. Este autor diz que Cristo não disse: ‘não morrerá na temporalidade pela qual todos os seres humanos devem morrer’. Por isso Jesus não falou dessa morte, mas daquela futura³⁸. Portanto, o pão sagrado do Senhor não leva o fiel à morte para sempre, porque a pessoa terá vida com ele.

3 A visão da eucaristia no terceiro século

No final do segundo século e até à metade do terceiro, surgiram figuras importantes, como Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Cipriano e Dionísio de Alexandria. Faz-se necessário aprofundar o seu pensamento a respeito da eucaristia.

³⁴ Cf. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*, 60. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. Introdução de M. GIBIN. Petrópolis: Vozes, 2004.

³⁵ *Idem*, 54.

³⁶ *Ibidem*, 68.

³⁷ Cf. *Jo* 6,58.

³⁸ Cf. IPPOLITO, *Le Benedizioni di Giacobbe*, 24. Traduzione, introduzione e note a cura di M. SIMONETTI. Roma: Città Nuova Editrice, 1982.

Tertuliano foi um dos primeiros escritores de língua latina, ainda que as suas primeiras obras as tenha escrito em grego. Ele é sem dúvida um dos maiores teólogos e cristólogos do período pré-niceno. Ele fala da eucaristia como *sacramentum*³⁹, o convívio, a Ceia do Senhor. Ele é convicto da presença real de Cristo na eucaristia, porque teve que se confrontar com os marcionitas que a negavam, pois eles não acreditavam que Cristo tivesse morrido na cruz. Dessa forma, se fosse assim, para Tertuliano, Cristo não estaria presente sobre os altares na comunhão.

Tertuliano diz que Cristo é o pão da vida; aquele que desceu do céu. Assim ele critica todos aqueles que ignoram, sobretudo os judeus, o pão que vem lá de cima, prometido aos seus fiéis, porque ele liga-os à vida divina⁴⁰. Ele tem presente a assembléia eucarística onde se realizava a eucaristia, a qual deve proporcionar a reconciliação entre as pessoas. Quem comunga é chamado a viver o amor do Senhor, no meio das pessoas e da comunidade.

Ele tem presente também os sacramentos que antecedem a eucaristia, o batismo e a crisma, sendo que tudo isso formava um conjunto: os sacramentos da iniciação cristã. Uma preparação aos catecúmenos era dada pelos bispos e catequistas, durante dois a três anos, na assim chamada preparação “remota”, e uma “próxima”, que coincidia com a quaresma até chegar à noite santa. Tertuliano foi um dos mentores do catecumenato antigo⁴¹, insistindo no fato de que os três sacramentos não fossem dados de uma forma ligeira, apressada, mas que eles fossem dados após uma preparação intensa. Ele coloca as razões para alguém ser batizado, crismado e receber a eucaristia. Ele diz que o candidato

³⁹ Cf. TERTULLIANO, *De Corona*, III, 3. Introduzione, testo, traduzione e note a cura de F. RUGGIERO. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1992.

⁴⁰ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, XXVI, 10. Traduzione, introduzione e note a cura di C. MICAELLI. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

⁴¹ Cf. G. CAVALLOTTA, *Iniziazione cristiana e catecumenato*. Bologna: EDB, 1996, p.93.

recebe o banho, para que sejam lavadas as manchas da alma; o candidato recebe a unção, para que a alma seja consagrada; ele se nutre do corpo e sangue de Cristo, para que também a alma seja saciada de Deus⁴². Ele reconhece que a eucaristia foi instituída pelo Senhor num momento de uma ceia e ele o deu para todos, de modo que nós o recebemos nas assembléias, onde se louva a Deus, e recebemos o dom das mãos daqueles que a presidem⁴³.

Tertuliano, por ser alguém que animou as comunidades cristãs, dá uma bonita descrição de seu tempo no Norte africano. Nessa (comunidade cristã) ele procurou reforçar uma única fé, disciplina e esperança solidária. Ali se reza pela ordem das coisas, a paz no mundo e as autoridades em cuja responsabilidade está o destino das coisas. Os fiéis se encontram para ler e comentar as Sagradas Escrituras. Nas reuniões realizadas há lugar também para exortações em vista de uma melhor preparação da sagrada reunião que se realiza, a qual aponta para a eucaristia⁴⁴.

Esse autor fala também da oração pelos mortos que é feita na eucaristia. Referindo-se à viúva, diz que ela reza pela alma do marido, suplicando-lhe o repouso eterno, oferecendo para ele o sacrifício eucarístico no reconhecimento da sua morte⁴⁵.

No terceiro século, há a figura de Clemente Alexandrino, o qual, em primeiro lugar, lia a oferta de Melquisedech ao Senhor, com pão e vinho, símbolo da eucaristia⁴⁶. Em segundo lugar, reconhece a eucaristia como sacrifício da Nova Aliança,

⁴² Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, VIII,3.

⁴³ Cf. TERTULLIANO, *De Corona*, III, 3.

⁴⁴ Cf. TERTULLIANO, *Apologetico*, XXXIX, 1-4, a cura di A. R. BARRILE. Bologna: Arnoldo Mondadori Editore, 1992.

⁴⁵ Cf. TERTULLIANO, *L'unicità delle nozze*, X, 4. Traduzioni, introduzioni e note a cura di L. DATTRINO. Roma, 1996.

⁴⁶ Cf. CLEMENTE ALESSANDRINO, *Gli Stromati, Note di vera filosofia*, IV, 25. Introduzione, traduzione e note a cura di G. PINI. Milano: Edizione Paoline, 1985.

sendo único pelo fato de que ele aconteceu na cruz, e por isso ele é também sacrifício único na Igreja. Este deve ser recebido com fé, para assim permitir que Cristo habite em nossas almas e para santificação do corpo e da alma. Ele diz que o Espírito fortalece o caminho de fé dos peregrinos. A eucaristia aponta para a vida futura dos fiéis, a participação na incorruptibilidade do Senhor. A pessoa não conhecerá a morte. Ele tem presentes também as palavras de Cristo, que diz aos seus fiéis, rebatendo todos aqueles e aquelas que se bastam a si mesmos no conhecimento adquirido pela gnose: “Eu sou Aquele que te nutre, dando-te como pão a mim mesmo e nenhum que se nutre de mim tomará a experiência de morte”⁴⁷. Ele liga a eucaristia com o alimento que prepara para a imortalidade, dom dado na vida divina. Clemente fala também que Cristo é o único médico que corta as paixões, o pecado pela raiz, não como a lei que eliminava simplesmente as suas conseqüências. Referindo-se a Cristo, este autor diz que ele derramou sobre as nossas almas feridas o vinho, isto é, o seu sangue⁴⁸, que tinha sido proclamado na última ceia e também na sua paixão e morte de cruz.

Ainda no terceiro século, Orígenes valorizou o sacramento da eucaristia, porque Cristo é o alimento das pessoas, nutriente de suas almas. Ele reconhece a presença dele nas espécies do pão e do vinho, em uma forma misteriosa. No entanto, essa presença alegra os discípulos e todos aqueles que o tomam como um vinho novo, não-temperado, porque, através dele, recebe-se a remissão dos pecados⁴⁹. Ele tem presente o memorial no qual Cristo mandou que os seus discípulos o celebrassem em seu nome, perpetuando, dessa forma, a eucaristia na comunidade cristã.

⁴⁷ Cf. CLEMENTE ALESSANDRINO, *Quale ricco si salverà?*, 23, 4. Introduzione, traduzione e note a cura di M. G. BIANCO. Roma: Città Nuova Editrice, 1999.

⁴⁸ Cf. *Idem*, 29,1.

⁴⁹ Cf. Mt 26,28: ORIGENE, *Omelie su Geremia*, XII, 2, Introduzione, traduzione e note a cura di L. MORTARI. Roma: Città Nuova Editrice, 1995.

Orígenes diz que o vinho novo é dado na eucaristia e também na realidade futura, onde todos poderão participar da vida divina. As palavras de Cristo contêm a promessa de que os fiéis com fome e sede serão saciados⁵⁰. Ele diz que os cristãos tomam o sangue do Senhor, aspecto que causava escândalo para os judeus, que disseram: Quem pode comer a carne e beber o seu sangue? No entanto, o povo cristão, o povo fiel ouve tais coisas, abraça-as e segue as palavras daquele que disse: “Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós mesmos; porque a minha carne é verdadeiramente comida e o meu sangue verdadeiramente bebida”⁵¹. Ele coloca a fome como algo próprio de quem é humano. No entanto, aqueles que querem a realização da vontade do Pai, que está nos céus, são convidados a nutrir-se daquele pão que desceu do céu⁵².

Orígenes coloca a diferença da primeira e da segunda Páscoa. Cristo é chamado o pão descido do céu; este não veio para aqueles que celebravam a primeira solenidade, mas por nós que recebemos a segunda. De fato, foi imolado o Cristo, a nossa Páscoa, que é para cada um de nós o verdadeiro pão que desceu do céu⁵³. Ele fortalece os peregrinos neste mundo. Orígenes tem presente o martírio como um seguimento ao Senhor Jesus até às últimas conseqüências, dando a própria vida. Porém, quem o renega, perde a oportunidade de viver a sua própria fé e testemunhar Cristo diante das autoridades e do povo pagãos. Assim os

⁵⁰ Cf. ORIGENE, *I Principi*, II, 11, 2, a cura di M. SIMONETTI. Torino: UTET, 1989.

⁵¹ Cf. *Jo* 6, 52.53.55: ORIGENE, *Omelie sui Numeri*, XVI, 9. Traduzione, introduzione e note a cura di M. I. DANIELI. Roma: Città Nuova Editrice, 1988.

⁵² Cf. *Jo* 6.51.58: ORIGENE, *Omelie sulla Genesi*, XVI, 3, Traduzione, introduzione e note a cura di M. I. DANIELI. Roma: Città Nuova Editrice, 1992.

⁵³ Cf. *Jo* 6,51; *1 Cor* 5,7; ORIGENE, *Omelie sull'Esodo*, VII, 4. Traduzione, introduzione e note a cura di M. I. DANIELI. Roma: Città Nuova Editrice, 1991.

apóstatas, segundo o autor alexandrino, não podem se aproximar da mesa do Senhor, sem a realização da penitência. É preciso o reconhecimento do próprio pecado para a busca da conversão. Ora, o discípulo deve encontrar-se digno de beber o cálice de Cristo⁵⁴, porque o confessa e o professa em sua vida também de uma forma pública.

Já Cipriano, martirizado em 258, associa a eucaristia com a paixão, morte e ressurreição de Cristo⁵⁵. Os seus sofrimentos estão presentes em todos aqueles que sofrem nos cárceres. Dirigindo-se aos confessores, ele dizia que todos, incluindo-se ele próprio, encontram-se na prisão; no entanto, ele afirma que algo os une, sejam os que estão na liberdade, sejam os encarcerados; insiste na oração na comunidade, onde também se celebra o sacrifício da eucaristia⁵⁶. Ele diz que o Espírito Santo desce para transformar as espécies do pão e do vinho em corpo e sangue do Senhor Jesus. O povo não deve admirar-se se a comunhão é dada por um sacerdote pecador e limitado; no entanto, tudo ele faz em nome de Cristo. Por isso mesmo, também os sacerdotes devem se aproximar do sacrifício de Cristo com mãos puras para oferecer coisas agradáveis a Deus: eles devem ser íntegros e imaculados⁵⁷. O bispo de Cartago não imaginava uma pureza abstrata aos sacerdotes, mas eles deviam dar testemunho da vida e da palavra que proclamavam. Ele diz também que a eucaristia é sinal de unidade da Igreja e de Cristo, de modo que, fora da comunidade, ela não pode realizar-se. Ele teve que criticar todos aqueles que celebravam a eucaristia fora da comunidade, porque tal sacramento não espelha a unidade que deriva do alto, a autoridade

⁵⁴ Cf. ORIGENE, *Esortazione al martirio*, 40. Introduzione, traduzione, note di C. NOCE. Roma: Pontificia Universitas Urbaniana, 1985.

⁵⁵ Cf. *Let.* 63, 17, In *Opere di Cipriano*, a cura di G. TOSO. Torino: UTET, 1980.

⁵⁶ Cf. *Let.*, 37, 1, *Idem*.

⁵⁷ Cf. *Let.*, 72, 2, *Ibidem*.

divina. O Senhor disse aos seus discípulos: “Eu e o Pai somos um” e também: “E haverá um só rebanho e um só Pastor”⁵⁸.

Cipriano realça a importância de realizar as coisas na eucaristia, conforme a ordem do Senhor. Ele tem presente o trecho de Paulo aos Coríntios, onde o próprio apóstolo traz à tradição as palavras do Senhor, de modo que se faz memória, quando se fazem as coisas em nome dele⁵⁹. Ele se confrontou com os heréticos que celebravam a ceia do Senhor com pão e água. Por isso, este escritor é um dos primeiros a dar uma interpretação a respeito das gotas de água no cálice. Como Cristo carregava os nossos pecados, assim vemos a água significando o povo e o vinho, que possui um significado ligado ao sangue de Cristo. Dessa forma, quando no cálice a água se mistura com o vinho, é o povo que está unido a Cristo; é a multidão dos fiéis unida com aquele no qual se manifesta a fé. Assim, se se oferece só o vinho, o sangue de Cristo está presente sem nós, e se há somente a água, é o povo presente sem Cristo. A eucaristia consta dos dois elementos, para que assim seja celebrada a eucaristia conforme o pensamento eclesial⁶⁰.

Cipriano ligava a eucaristia com a vida. Se o fiel aproxima-se de Cristo, ele é convidado a realizar algo em favor dos pobres⁶¹, como também ele não pode cometer ações abomináveis contrárias ao espírito da unidade do sacramento da eucaristia. Assim deve-se eliminar o veneno da discórdia e da inveja no animo das pessoas. A eucaristia é o alimento para viver o mandamento do amor de Deus no mundo. Nesse sentido, ele criticava todos aqueles e aquelas que tinham apostatado na perseguição de Décio, nos quais ele ressaltava a necessidade de fazer penitência e de não receber logo, com as mãos impuras, o corpo do Senhor

⁵⁸ Cf. *Jo* 10,30.16; *Let.*, 69, 4, *Ibidem*.

⁵⁹ Cf. *I Cor* 11,23-26; *Let.*, 63, 10, *Ibidem*.

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 63, 13.

⁶¹ Cf. *Le Buone Opere e L'elemosina*, XV. In *Opere di San Cipriano*.

ou beber o seu sangue, estando com a boca contaminada⁶². A eucaristia seja recebida em contexto de reconciliação para possibilitar uma vida conforme o sentido da palavra do Senhor, que exige de todos os fiéis o amor recíproco e a conversão.

Por fim, nesse período, há a figura de Dionísio de Alexandria, um importante bispo, após a segunda metade do século terceiro. Ele traz um fato importante a respeito da eucaristia, cuja narração é encontrada em Eusébio de Cesaréia. Na sua diocese (Alexandria), havia uma pessoa, chamada Serapião, ancião fiel, mas que se tornara *lapsos* na perseguição de Décio. Ele pedia perdão, mas ninguém lhe dava atenção, porque ele havia sacrificado aos deuses. Caindo doente, ficou três dias sem falar e estava inconsciente. No quarto dia, melhorou um pouco, de modo que pôde dizer ao neto, para que fosse até o sacerdote, a fim de que este lhe fizesse uma visita. Logo em seguida perdeu de novo a voz. O menino foi até o sacerdote; era noite, mas também este se encontrava doente. Como ele tinha concedido o perdão dos pecados aos que lho suplicavam, sobretudo no momento da morte, o sacerdote entregou ao menino um pedacinho do pão eucarístico, dando-lhe a recomendação de molhá-lo e colocá-lo na boca do ancião. Estando já perto de casa, ao saber que o menino tinha consigo a eucaristia, o ancião voltou a si de novo, suplicando ao neto que fizesse depressa o que o sacerdote havia ordenado, para assim partir. O menino colocou a eucaristia na água e, logo em seguida, derramou na boca do velho; este o ingeriu e imediatamente entregou o espírito ao Senhor⁶³. Percebe-se neste relato que a eucaristia prepara as pessoas ao encontro do Senhor, na hora da morte.

Concluindo. O período, que vai até à primeira metade do IV século (325), no Concílio de Nicéia, permite-nos ver alguns

⁶² Cf. *Gli apostati*, XXII, *Ibidem*.

⁶³ Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, VI, 44, 2-5. São Paulo: Paulus, 2000.

pontos importantes a respeito da eucaristia: ela é o memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo, recordando as coisas que o Senhor fez na última ceia; ela deve ser feita em união com a Igreja e comunidades dos fiéis; ela é alimento para vida divina, a qual prepara-nos para a incorruptibilidade; há uma manifestação de fé na presença real de Cristo na eucaristia; quem a recebe é impulsionado a uma prática de vida feita em comunhão consigo mesmo, com os outros e com Deus; a pessoa é chamada a fazer caridade, sobretudo com os mais necessitados; ela é alimento que possibilita ao ser humano superar as tentações e, por fim, a eucaristia deve ser realizada com a presença de um ministro designado pela Igreja: bispo e/ou presbítero. Os ensinamentos que os padres elaboraram a respeito da eucaristia sirvam para iluminar a nossa realidade, para que essa fonte da vida no seguimento a Cristo possibilite a comunhão de todos com o Senhor Jesus, pão descido do céu para a nossa vida presente e futura.